

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

A GLOBALIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS SOBRE AS IDENTIDADES LOCAIS NA OBRA DE ANTÔNIO TORRES

Ana Clara T. L. Almeida¹; Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel²

1. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bolsista FAPESB/UEFS, Graduanda em Letras com Língua Inglesa, Graduada em Jornalismo (UNEF), e-mail: almeida_clara17@yahoo.com.br
2. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Orientador, Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, e-mail: rhseidel@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Globalização, identidades locais, Antônio Torres.

INTRODUÇÃO

Nascido no pequeno município baiano de Sátiro Dias, o escritor Antônio Torres (1940) tem sua obra frequentemente associada à tradição regionalista brasileira e à expressão do romance pós-moderno. Sua ficção, ao retratar a problemática do indivíduo sertanejo que sempre se desloca em busca de melhores condições de vida, traz à tona personagens marcados por conflitos identitários provenientes dessas idas e vindas cuja ausência de sentido específico impossibilita o alcance de qualquer progresso.

De acordo com Roland Walter (2002), cinco narrativas de Torres apresentam a temática da migração unida às questões de identidade: *Essa Terra* (1976), *Carta ao bispo* (1979), *Adeus, velho* (1981), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Nestas, o autor não só evidencia os fatores socioeconômicos determinantes para as disparidades entre o Nordeste e o Sudeste, como também enfatiza o embate entre as dimensões global e local da cultura, indicando o fortalecimento de uma tendência homogeneizadora conforme a globalização se expande.

Stuart Hall (2006) lembra que a globalização é originalmente moderna e está longe de constituir um fenômeno típico da pós-modernidade. Contudo, devemos observar o contexto vigente, as transformações e as atuais características da ordem global, a fim de compreendermos como ocorre sua apropriação por parte do universo romanesco. Isso nos permite tanto a visão do romancista quanto algumas proposições teóricas que a ratifiquem ou contraponham.

A meta principal do presente trabalho, portanto, é destacar a situação das identidades sob o impacto do local e do global na perspectiva da obra de Antônio Torres, com base nos romances mencionados. A partir desse objeto de estudo, também buscaremos a abordagem de conceitos como “perversidade sistêmica” (SANTOS, 2008), “tempos líquidos” (BAUMAN, 2007) e “mundialização” (ORTIZ, 1994), refletindo acerca das consequências de tais processos e salientando a importância do diálogo em torno de elementos da nossa realidade por meio da literatura.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada à confecção deste trabalho concentrou-se nas relações de intertextualidade, que proporcionam o encontro de campos teóricos distintos – Teoria Literária e Estudos Culturais. Inicialmente, pensou-se a delimitação do objeto de estudo em

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

torno de cinco romances que carregassem consigo a temática a ser focalizada, de modo que se manteve a delimitação adotada no plano de trabalho desenvolvido no primeiro ano de Iniciação Científica e intitulado *A peleja do ir e vir e os conflitos identitários na obra de Antônio Torres*.

Após a releitura da obra ficcional completa de Torres, decidiu-se focar mais o processo de globalização em lugar da migração. Fez-se uso, para tanto, de uma pesquisa de cunho bibliográfico, assim definida por Neusa Dias de Macedo (1994, p. 13): “(...) busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema (...) e o respectivo fichamento das referências que sejam posteriormente utilizadas”. Adiciona-se a isso o apoio em referências teórico-literárias e históricas.

Não obstante o papel ativo do pesquisador, propondo interpretações e a justaposição de vários itens que se transformam em um só objeto de estudo, esta pesquisa exclui etapas como a observação direta e a coleta de dados no ambiente natural. Assim, não se encaixa na abordagem metodológica qualitativa. Tampouco se trata de uma pesquisa quantitativa, isto é, uma investigação assinalada pela previsibilidade e motivada pela exatidão dos resultados. (LAKATOS; MARCONI, 2002).

O presente trabalho encaixa-se mais no estudo fenomenológico, o qual, segundo Antônio Carlos Gil (1999), rejeita a ideia de explicar a realidade como se esta fosse objetiva e única. Na fenomenologia, a compreensão do real ocorre com a participação incisiva da consciência e daquilo que nela se descobre, viabilizando a manifestação do esforço interpretativo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É possível perceber que o enfoque atribuído por Antônio Torres aos aspectos da globalização varia conforme cada momento de sua obra, embora não chegue a cair em contradições. De 1976 (ano da publicação de *Essa Terra*) até 1979 (quando foi lançado *Carta ao bispo*), o escritor desenvolveu maior preocupação em denunciar os problemas do Nordeste, tais como a persistência do coronelismo e a pobreza dos pequenos proprietários rurais. Para Malcolm Silverman (1981), tamanho anseio por mostrar uma região desamparada está bastante ligado aos antecedentes jornalísticos do romancista, cuja aproximação com o cotidiano lhe forneceu a matéria-prima necessária para compreender as necessidades alheias.

Por essa razão, as tensões entre o local e o global assumem função secundária nos enredos dos dois romances. Em contrapartida, ajudam a identificar as causas fundamentais do deslocamento do migrante, não mais limitadas apenas à utopia do Sul como terra prometida ou de imagens e discursos da ficção nordestina em que o sertão expulsa seus próprios filhos. (WALTER, 2002).

Por trás dos anseios de progresso para família – caso do personagem Nelo, de *Essa Terra* – e para os conterrâneos de um lugarejo qualquer do interior da Bahia – objetivo do protagonista Gil, de *Carta ao bispo* –, há também uma vontade de partilhar dos recursos existentes no mercado de consumo dos grandes centros urbanos. Nota-se, ainda, o desejo de trazer esses elementos à terra natal, a fim de livrá-la do atraso político e de costumes supostamente obsoletos.

É na narrativa de *Adeus, velho* que Torres acrescenta outros pontos inerentes à onda globalizante. Através do personagem Virinha, uma mulher que deixa a roça onde vivera com os pais e os irmãos para tentar a sorte em Salvador, enfrentando discriminações e abusos de poder num ambiente descrito como uma “festa selvagem”. Ainda assim, rejeita a ideia de ficar

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

novamente sob a influência da figura paterna centralizadora, preferindo caminhos arriscados e gerando uma conjuntura caracterizada por Bauman (1998, p. 22) da seguinte maneira:

Um número sempre crescente de homens e mulheres pós-modernos, ao mesmo tempo que de modo algum imunes ao medo de se perderem, e sempre ou tão freqüentemente empolgados pelas repetidas ondas de “nostalgia”, acham a infixidez de sua situação suficientemente atrativa para prevalecer sobre a aflição da incerteza. Deleitam-se na busca de novas e ainda não apreciadas experiências, são de bom grado seduzidos pelas propostas de aventura e, de um modo geral, a qualquer fixação de compromisso, preferem ter opções abertas.

Refém do fascínio perante a aventura da pós-modernidade, Virinha torna-se mero objeto submetido a humilhações na capital baiana, cada vez mais semelhante a uma metrópole. A industrialização, a essa altura, já alcança a cidade e começa a destituí-la de sua feição tradicional. Surgem as desigualdades profundas e a competitividade a todo custo – itens típicos da uma globalização em que se sobressai um conjunto de injustiças, o qual Milton Santos (2008) denomina “perversidade sistêmica”. Isso se confirma quando a obra revela um interior ainda mais afundado na pobreza, uma vez que a lógica da concentração de renda se perpetua em novos espaços.

O *cachorro e o lobo*, segunda parte da trilogia iniciada com *Essa Terra* e concluída em *Pelo fundo da agulha*, explicita como nunca a visão de Torres a respeito da ordem globalizada. De volta ao Junco, o narrador e protagonista Totonhim vê uma cidadezinha diferente do povoado que abandonara vinte anos antes. Frente aos televisores, telefones e equipamentos tecnológicos de última geração, a classe de funcionários públicos assalariados – agora boa parte da população remanescente dos fluxos migratórios – mantém-se isolada.

O distanciamento e a superficialidade nas relações humanas dá a impressão de que todos os vínculos são fugazes. Com o progresso, vêm os primeiros exemplos de violência urbana e miséria. A ausência de compaixão e a apatia em relação aos dramas do próximo misturam-se a um clima de insegurança constante, de origem aparentemente desconhecida:

(...) O “progresso”, que já foi a manifestação mais extrema do otimismo radical e uma promessa de felicidade universalmente compartilhada e permanente, se afastou totalmente em direção ao pólo oposto, distópico e fatalista da antecipação: ele agora representa a ameaça de uma mudança inexorável e inescapável que, em vez de augurar a paz e o sossego, pressagia somente a crise e a tensão e impede que haja um momento de descanso. (BAUMAN, 2007, p. 16).

O romancista trata do Junco com a propriedade de quem nele nasceu e foi criado, jamais hesitando em conferir ao âmbito ficcional uma parcela autobiográfica. O retorno de Totonhim, apesar de docemente nostálgico, é também doloroso, pois o personagem constata que o lugar de sua infância estará para sempre perdido num passado somente vislumbrado pelo esforço da memória. Desse modo, a avaliação negativa das mudanças comunica o mal-estar do indivíduo descentrado, desprovido de um referencial em que se apoiar. (HALL, 2006).

Em *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha*, a globalização tende a impor seus princípios e caracteres homogêneos, eliminando traços genuínos da cultura local e impedindo que os personagens se identifiquem com alguma raiz. Já desenraizados, transformam-se em seres solitários e introspectivos – sobretudo em *Pelo fundo da agulha*, no qual Totonhim emerge sozinho num quarto sombrio, procurando lembrar a trajetória que o conduziu àquele instante de desolação. Nostálgico, reflexivo e introspectivo, o personagem dedica-se a um silêncio exterior, como salienta Walter (2002).

O ponto de vista que estabelece um confronto local *versus* global não é corroborado pela totalidade dos teóricos. Para Renato Ortiz (1994), a mundialização (referente à cultura) e

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

a globalização (referente à economia e tecnologia) consistem em processos que propiciam a vivência de muitas culturas, porque uma não sepulta a outra. Todavia, ele admite que esta última promove o desenraizamento das coisas, das pessoas e das ideias: “A despeito das marcas originais, da ilusão da origem, tudo tende a deslocar-se além das fronteiras, línguas nacionais, hinos, bandeiras, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas” (idem, p. 94).

Além do afastamento das raízes, ocorre a desterritorialização, que interfere no setor econômico e nas esferas política e cultural, no comportamento e hábitos dos indivíduos. Todos esses conceitos estão presentes na obra de Torres, mas sempre indo de encontro ao que eventualmente haja de positivo na mescla entre o local e o global. Afinal, segundo Octavio Ianni (2003, p. 128), essa coexistência é admissível na globalização, que, por sua vez, “não é jamais um processo histórico-social de homogeneização, embora sempre fiquem atuantes forças empenhadas na busca de tal fim”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, traçamos algumas analogias entre os romances de Antônio Torres e o amplo debate acerca da globalização e seus efeitos sobre a sociedade e a identidade do indivíduo pós-moderno. Verificamos que a visão exposta na obra guarda semelhanças e divergências algumas das abordagens mais notáveis, familiarizando com aquelas voltadas à desumanização das relações humanas e ao não-cumprimento da justiça social. Já as preposições simpáticas à noção convivência enriquecedora do local com o global parecem contrariar o direcionamento adotado no plano literário.

Não tivemos como interesse validar teorias ou refutar opiniões, mas apenas colocar em evidência uma temática pertinente ao momento pelo qual passamos. Nesse sentido, a literatura reafirma-se enquanto canal apto a suscitar discussões relevantes, muito embora não seja – nem deva ser – esta sua função primeira. Também a ficção de Antônio Torres, ao capturar a dimensão das questões pós-modernas a partir de uma realidade regional, facilita uma identificação maior entre o presente estudo e a realidade que vivenciamos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de Pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.
- MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2008.
- SILVERMAN, Malcolm. *A moderna ficção brasileira 2: ensaios*. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

- TORRES, Antônio. *Adeus, velho*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- TORRES, Antônio. *Carta ao bispo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- TORRES, Antônio. *Essa terra*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WALTER, Roland. *Narrative Identities: (Inter)cultural In-betweenness in the Americas*. Trad. Roland Walter. Bern/Berlin/New York: Peter Lang, 2002.